



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ
UNIDADE PROF. JOSÉ BATISTA DE OLIVEIRA
CURSO DE PEDAGOGIA

Walisson Guimarães Lima

Ensino de artes: redescobrimo a prática através da abordagem triangular

Imperatriz
2024

Walisson Guimarães Lima

Ensino de artes: redescobrimdo a prática através da abordagem triangular

Artigo Científico apresentado ao curso de Pedagogia da
Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências
de Imperatriz, para obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Witembergue Gomes Zapparoli
Representante: Prof. Me. Vicente Marques de Castro
Neto

Imperatriz
2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Guimaraes Lima, Walisson.

Ensino de artes : redescobrimdo a prática através da abordagem triangular / Walisson Guimaraes Lima. - 2024.

17 p.

Orientador(a): Witembergue Gomes Zaparoli.

Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de Imperatriz, 2024.

1. Aula Prática. 2. Ensino de Artes. 3. Experiência Em Sala. 4. . 5. . I. Gomes Zaparoli, Witembergue. II. Título.c

Walisson Guimarães Lima

Ensino de artes: redescobrimdo a prática através da abordagem triangular

Artigo Científico apresentado ao curso de Pedagogia da
Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências
de Imperatriz, para obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia.

Aprovado em: 30 / 09 / 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Witembergue Gomes Zaparli (Orientador)
Prof. Me. Vicente Marques de Castro Neto (Representante)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO-UFMA

Prof. Dr. Nertan Dias Silva Maia (1º Examinador)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO-UFMA

Prof.^a Dr.^a Francisca Melo Agapito (2º Examinadora)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO-UFMA

Introdução

A ideia de desenvolver uma aula prática da disciplina de Artes no ensino fundamental, deve-se da necessidade de compreender as implicações que o lapso entre a teoria e a prática causa no processo de ensino e aprendizagem dessa disciplina.

Não obstante, sendo a Arte uma disciplina que no decorrer da história da educação, foi um instrumento de elitização, que sofreu diversas transformações juntamente com a sociedade de cada momento histórico, têm-se ainda muitos professores da disciplina que ainda não conseguiram perceber a influência que esta apresenta cultura, política e socialmente. Assim sendo, é de suma importância conhecer na prática como acontece a interação aluno e professor em sala de aula, as metodologias e recursos que podem ser utilizados para que a essência da disciplina seja compreendida tanto pelo professor como pelo aluno.

Por conseguinte, a arte vai se modificando dentro da história em várias etapas, iniciando pela educação jesuítica que produzia uma sociedade competitiva de maioria analfabeta e minoria letrada. Em seguida surge a escola nova com características pedagógicas do agir, devido à forte influência da industrialização que buscava produzir a todo custo, ou seja, educava para a reprodução ao invés de transformação. O surgimento do chamado Estado novo proporcionou um maior acesso à escola e conseqüentemente o crescimento das desigualdades sociais. Baseado em uma perspectiva capitalista de educar dentro da história as escolas tinham um padrão de construção de pensamento.

O que se queria era modelar o gosto do povo de acordo com o gosto das elites para que os operários que começavam a ganhar algum dinheiro com a industrialização passassem a desejar os produtos que as fábricas dos ricos estavam colocando no mercado (BARBOSA, 2010, p. 32).

De acordo com Resende (2005, p. 23):

O lugar da arte, como está preconizado pelo sistema, tem sido circunscrito recentemente pelo mercado, mantido e apoiado pelas elites sociais e econômicas do país, em busca de um bem que lhes confira status; comportamento tradicional, aliás, apesar da novidade deste mercado. Arte tem sido referida, ainda, pelo velho paternalismo do poder público, que encampa e institui prestígio ao subsidiar manifestações e valores artísticos. De outro lado, sua atuação tem sido delimitada à margem do corpo da cultura, pelas próprias "elites" culturais - extensão, frequentemente rala, das mesmas elites socioeconômicas -, que confere má manifestação artística um hermetismo e uma forma de conhecimento quase diletante pela sua inoperância no processo social.

Assim sendo, é de suma importância conhecer na prática como acontece a interação aluno e professor em sala de aula, as metodologias e recursos que podem ser utilizados para que a essência da disciplina seja compreendida tanto pelo professor como pelo aluno.

Para tanto, este trabalho, tem como objetivo, relatar a experiência de uma aula de Artes, na qual foram apresentadas as cores primárias e secundárias aos educandos, com base na Abordagem Triangular, visando contribuir com o aprimoramento da construção do conhecimento artístico, principalmente para os alunos que estão em formação no curso de pedagogia, que buscam uma formação que consiga contemplar todos os aspectos didático-pedagógicos, assim como os aspectos sociológicos e filosóficos, que garantem um ensino crítico e capaz de valorizar a educação de qualidade, principalmente a disciplina de Artes.

Para Mussi; Flores e Almeida (2001):

Relato de experiência é um tipo de produção de conhecimento, cujo texto trata de uma vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão), cuja característica principal é a descrição da intervenção. Na construção do estudo é relevante conter embasamento científico e reflexão crítica.

Arte na escola brasileira

O ensino de Arte no Brasil vem sofrendo inúmeras mudanças no decorrer da história. Tais mudanças decorreram devido ao processo político, cultural e social vivido em cada época, pois esse processo marcava as necessidades assim como as situações vividas pelo povo de cada período histórico.

Vale ressaltar que, essas mudanças continuarão ocorrendo à medida em que a educação for se renovando, visto que, os conteúdos ensinados nas escolas têm como principal objetivo atender às diversas classes sociais.

Esse jogo de interesses pode ser observado desde quando a educação no Brasil era detida pelos Jesuítas, quando os “filhos da classe dominante” recebiam uma educação requintada enquanto os nativos recebiam uma educação profissionalizante voltada para preparação de mão de obra a fim de atender as necessidades da sociedade elitizada.

Com o mundo passando pelo processo de industrialização no século XIX, o

ensino de arte deu foco ao desenho. Para enfatizar essa colocação, Fusari (2001, p. 28) destaca que isso “fica bem evidente no parecer de Rui Barbosa sobre o ensino primário, em 1883, onde relaciona o desenho com o progresso industrial”. Aqui mais uma vez se, nota-se a preocupação com as necessidades da classe dominantes, uma vez que, o ensino do desenho é direcionado a preparação de mão de obra para o trabalho nas fábricas e não para o intelecto dos indivíduos.

A intelectualização do ensino de arte no Brasil só ganhou força em 1816, com a chegada da Missão Artística Francesa, Martins (2009) e com ela o modelo Neoclássico, que representou um salto que só favoreceu às elites e destituiu a arte barroca original brasileira.

Em 1930, começa a chegar no Brasil os primeiros reflexos da Pedagogia Nova, a qual é tida como um avanço na organização de uma sociedade mais democrática, com foco nas relações sociais, na redução da injustiça, através da educação escolar direcionada a adaptação dos alunos ao meio social, sendo que a principal proposta para isso foi estimular os alunos a terem experiências cognitivas de forma progressiva e ativa, Martins (2009). A partir de então, gradativamente o aluno passa a ter vez, pois suas necessidades e iniciativas passam a ser levadas em consideração, com o objetivo de combater ou minimizar as desigualdades sociais e o ensino de arte deixa para traz a forma rígida tradicional de ser e a livre expressão passar a ser inserida nos métodos de ensino.

Percebe-se que, mesmo lento houve um progresso na educação no Brasil com o movimento da Escola Nova, o que impactou positivamente o ensino de arte. Tal impacto também ocorreu devido a Semana de Arte Moderna, a qual percorreu por algumas regiões do país com movimentos modernistas e inovadores, de acordo com Fusari (2001).

Apesar dos avanços, na década de 1970 houve um grande retrocesso no ensino arte, com o surgimento da Pedagogia Tecnicista, que tem como referência de ensino o modelo da educação tradicional. Nessa pedagogia o método de ensino era voltado ao mecanicismo e a base técnica predominava. Segundo Fusari (2001, p. 41), essa tendência apresentava os seguintes elementos curriculares como sendo essenciais – “objetivos, conteúdos, estratégias, técnicas e avaliação”. Aqui o professor passa a ser o responsável por seu planejamento e demonstrar que é competente, porém como houve uma escassez de materiais didáticos nessa pedagogia, o ensino de arte ganhou caráter equivocado com metodologia fragilizada.

Posteriormente após várias discussões que envolviam diversos educadores

preocupados com o rumo da educação no país, surgiram novas abordagens no contexto educacional, visando a renovação do ensino de arte quanto às práticas sociais, que dentre elas destacam-se a Pedagogia Libertadora, a Pedagogia Libertária e a Pedagogia Histórico-crítica.

A pedagogia Libertadora proposta por Paulo Freire objetiva a transformação da prática social das classes populares, segundo (Fusari, 2001) A Pedagogia Libertária, por sua vez, resume-se na importância dada a experiências de auto-gestão, na não-diretividade e autonomia vivenciadas por grupos de alunos e professores, de acordo com Fusari (2001, p. 45). Na concepção crítica, a educação e a escola são partes integrantes da totalidade social. No entanto, não são mera reprodução da estrutura social vigente, mas ao contrário, mantêm relações de reciprocidade (influências mútuas) com a mesma, conforme Fusari (2001, p. 46).

Nota-se que a partir dessas pedagogias, a educação passa a ser voltada para a conscientização da sociedade em relação à cultura, tendo como base o diálogo entre educador e educando de forma igualitária. O método de ensino ganhou independência teórica e metodológica, com o foco na preparação do aluno para a vida social, tornando-o uma pessoa preparada para participação ativa na sociedade.

Cabe destacar que, o ensino de arte no Brasil, sofreu muita influência política, social e cultural, visto que, a preparação do aluno para o desenvolvimento industrial ganhou mais importância do que inserir a história da arte como conteúdo no ensino de arte, o que só pode ser observado na Academia, mas restrita a formação artística.

Somente em 1990, é que surgem as leis que contemplam a melhoria no ensino de arte. Surge assim, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), e, assim, surgem novas abordagens com propostas para educação em arte apresentando características mais renovadas, as quais inclui a história da arte.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) no seu artigo 26, §2º, instituiu que o ensino de Arte deveria constituir componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. Entretanto, apesar dessa previsão, é de que o ensino de Arte nas escolas brasileiras tem enfrentado dilemas que se sobressaem às metodologias usadas pelo professor em sala de aula, como o preconceito e a marginalização dos jovens.

Na insistência de tentarmos fugir das frustrações diárias, damos forma a um novo mundo, que através de nossas inspirações criamos coisas capazes de revelar sentimentos, tanto naqueles que criam, quanto nos que observam a criação. Nessa

perspectiva a arte busca responder a uma necessidade social, já que, as diferentes maneiras de linguagens utilizadas pelos agentes artísticos, buscam manter o diálogo com a realidade e as diferentes pessoas que ali atuam em conjunto. Segundo Martins (2009 p. 35) “A arte é uma forma de criação de linguagens – a linguagem visual, a linguagem musical a linguagem do teatro, a linguagem da dança e a linguagem cinematográfica, entre outras”. Dessa forma conceituar arte é algo bem mais amplo que apenas o domínio da fala e da escrita, e quando nos damos conta disso, percebemos que a nossa experiência de mundo reflete no nosso modo de estar e agir nele, ou seja, a arte de uma forma geral é uma linguagem, um meio de expressão e de compreensão do mundo.

Por isso, Martins (2009 p. 35) afirma que “Toda linguagem artística é um modo singular de o homem refletir – reflexão/reflexo – seu estar-no-mundo. Quando o homem trabalha nessa linguagem, seu coração e sua mente atuam junto em poética intimidade.” Partindo dessa premissa, um mesmo tema pode ser trabalhado em várias vertentes artísticas como: em um filme, uma música, uma pintura e uma dança atingindo os espectadores individualmente cada um com sua especificidade.

Contudo, a arte tem sua relevância quando age dentro da sociedade através da escola formando cidadãos conhecedores da disciplina, capazes de estabelecer relações culturais, políticas e históricas promovendo uma abertura da diversidade humana. Para Martins (2009 p. 13) “A arte é importante na escola, principalmente porque é importante fora dela. Por ser um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, a arte é um patrimônio cultural da humanidade (...)”. Assim o aluno que se habilita nos conhecimentos artísticos aguça seus sentidos para as questões sociais. Obtendo uma resposta mais rápida na comunicação entre ele e os acontecimentos. Pois aquele que não possui tais conhecimentos fica limitado e lento nas suas percepções sociais.

Por conseguinte, tais conhecimentos do ensino de arte estão presentes dentro de cada linguagem trabalhada na disciplina como: Artes visuais, dança, música e teatro. Onde cada uma delas trabalha o aluno em uma perspectiva de inter-relação com o ambiente inserido, ou seja, a linguagem e a linha tênue por onde nos tornamos conscientes da realidade.

Nessa penetração da realidade, por tanto, é sempre mediada por linguagens, por sistemas simbólicos. O mundo por sua vez, tem o significado que construímos para ele. Uma construção que se realiza pela representação de objetos, ideias e conceitos que, por meio dos diferentes sistemas simbólicos, diferentes linguagens, a nossa consciência produz (MARTINS 2009 p. 32).

Portanto, todos os dias nossos sentidos são inundados por cores, sons, movimentos, formas luzes e texturas são estímulos que usamos de várias maneiras para nos expressar, a partir da intenção do desejo que todos esses elementos se combinam de maneira extraordinária e chamamos linguagem da arte. Somos criadores, manipuladores de ambiente, transformamos sentimentos em objetos. O ensino da linguagem da arte tem o objetivo de despertar a sensibilidade nos tornando mais cultos sobre as coisas, pessoas e relações. Para Fusari (2001 p.19) “A educação através da arte é, na verdade, um movimento educativo e cultural que busca a contribuição de um ser humano completo, total, dentro dos moldes do pensamento idealista e democrático”. A arte deve ser tratada como disciplina essencial para formação do indivíduo, pois é vista apenas como algo inerente a construção racional voltada apenas para o prazer, em vista que, ela esta presente em todos ambientes e lugares, criando um leque de opções de aprendizado, que se for trabalhada de forma centrada na criança consegue elevar seu potencial intelectual.

Ensinar arte em consonância com os modos de aprendizagem do aluno significa, então, não solar a escola da informação sobre a produção histórica e social da arte e, ao mesmo tempo, garantir ao aluno a liberdade de imaginar e edificar propostas artísticas pessoais ou grupais com base em intenções próprias. E tudo isso integrado aos aspectos lúdicos e prazerosos que se apresentam durante a atividade artística (PCN-ARTE,1997 p.35).

A escola deve de forma abrangente respirar educação desde o portão a direção o que torna pertinente o envolvimento do corpo escolar nas atividades artísticas culturais para democratizar o conhecimento e ampliar a participação social dos alunos. A educação através da arte não está focada no produto final mais no processo que leva até ele. Levando em consideração planejamento e produção, com o intuito de verificar se houve desenvolvimento de sua consciência artística. Brasil (1997, p.35) “Ressalta-se que o percurso criador do aluno, contemplando os aspectos expressivos e construtivos, é o foco central da orientação e planejamento da escola”. E assim estimular o aluno ao contato com o universo adulto, com dinâmicas de relações sociais e trabalhos artísticos, pois no ensino fundamental que a criança está aberta a novas experiências.

Abordagem triangular no ensino de arte

Estudar Arte/Educação é extremamente importante, pois no decorrer de cada momento da história as relações que ocorrem dentro do ambiente escolar, geralmente, são reflexos do que acontece em um âmbito maior, que seria a sociedade em si. A educação para Silva (1980, p. 25), “tinha como bases ideológicas a exaltação da nacionalidade, críticas ao liberalismo, ao comunismo e uma grande valorização do ensino profissional”. Logo, o que designava qualquer forma de conhecimento aos seus propósitos particulares, dificultando qualquer disciplina de trabalhar as novas tendências da época. Contudo, ainda que de forma precária, a Arte/Educação passou a abordar temas como: diversidade cultural, etnias e gêneros, começando a ganhar espaço no pensar pedagógico dentro e fora da escola.

Nessa ótica, o ensino da arte incorpora uma nova roupagem devido a influências de autores estrangeiros engajados em movimentos pós-modernos.

Foi no esforço dialogal entre o discurso pós-moderno global e o processo consciente de diferenciação cultural também pós-moderno que no ensino de arte surgiu no Brasil a abordagem que ficou conhecida como Metodologia Triangular(...) (Barbosa, 2010, p. 24).

A Abordagem Triangular surgiu com o objetivo de melhorar o ensino da arte, na busca pelo entendimento da mesma e de uma aprendizagem significativa. Foi sistematizada no Brasil, na década de 1980, por Ana Mae Barbosa, que preocupada com a democratização do conhecimento em artes, atrelada a uma educação descontextualizada, percebeu a relevância de conhecer o processo histórico do ensino para interferir no mesmo com consciência, contribuindo assim com relatos e reflexões que conduziram o trabalho dos arte/educadores a posicionamentos mais claros. “Ressalta-se que essa abordagem se preocupava com a busca de um conhecimento crítico não somente para os alunos, mas também para os professores”, Barbosa (2010, p. 11).

Abordagem Triangular tem como foco a metodologia que o professor adota nas suas aulas práticas, sem a utilização de métodos padronizados, ou seja, não é um modelo, mas corresponde aos modos como se aprende, em que requer a liberdade de obter conhecimento crítico reflexível no processo de ensino.

De acordo com Novaes (2005):

A Abordagem Triangular aponta que é importante pensar, questionar o que é a imagem, o uso da imagem, a imagem do cotidiano da história da arte e da cultura na sala de aula. É necessário fazer uma leitura crítica da produção da imagem das coisas e de nós mesmos.

A Abordagem Triangular mostra ainda que a maneira como se vê uma imagem não depende somente do sujeito, além do mais é necessário interpretar a mesma. A imagem visível aguarda uma leitura invisível que é revelada a cada deslocamento que ela faz.

A partir da Abordagem Triangular, Ana Mae propôs três eixos estruturantes: leitura, contextualização e fazer artístico. Segundo Oliveira e Corrêa (2018) o primeiro eixo “abrange os aspectos contextuais que envolvem a produção artística como manifestação simbólica histórica e cultural”.

A contextualização abrange ainda a análise das relações de poder que criam certas representações, diferenciando e classificando hierarquicamente pessoas, gêneros, minorias.

A apreciação está organizada sob os aspectos que tratam das interações entre o sujeito e os artefatos da arte. Nesse eixo é possível aprender por quais motivos a obra se originou, as intenções que ela revela, as sensações que provoca, que pensamentos ela gera, com quais técnicas foi produzida, que elementos expressivos e materiais foram utilizados, entre outros.

O último eixo (produção) envolve aspectos da criação artística. Nesse contexto, Oliveira e Corrêa (2018) esclarece que:

Nele, o sujeito torna-se autor e precisa mobilizar conhecimentos sobre as linguagens para transformar em invenções artísticas. Aqui estão envolvidos elementos de natureza formal e simbólica. O sujeito mobiliza conhecimentos tanto conceituais quanto procedimentais, inventando tecnologias, adaptando materiais, articulando ideias.

Nesse eixo o aluno já tem condições de produzir, ou seja, percorrer todas essas etapas permite que ele se lance na produção artística de maneira crítica e sensível.

Por se tratar de uma abordagem dialogada, a Abordagem Triangular permite que o professor tenha liberdade docente, ou seja, este pode elaborar metodologia de ensino que considera adequada ao processo de ensino e aprendizagem, assim como, fazer alterações e adequações em suas escolhas metodológicas já propostas.

Apesar de ser uma abordagem que foi sistematizada atrelada as condições da pós-modernidade (BARBOSA, 2010), percebe-se que mesmo sendo uma proposta muito clara em relação aos seus objetivos, ainda há educadores que fazem má interpretação dos seus conceitos, o que levam estes educadores a aplicar tais conceitos de maneira

equivocada, gerando transtornos ao processo de ensino e aprendizagem.

Benelli (2011) aponta como sendo os principais erros que levam esses educadores a má interpretação da Abordagem Triangular: “o entendimento limitador de contextualização como contexto histórico, e a confusão e aproximação entre os termos de releitura e cópia”.

A esse respeito Ana Mae aponta em seus escritos:

Fomos alunos de Paulo Freire e com ele aprendemos a recusar a colonizadora cópia de modelos, mas escolher, reconstruir, reorganizar a partir da experiência direta com a realidade, com a cultura que nos cerca, com a cultura dos outros e com uma pletora de referenciais teóricos, intelectualmente desnacionalizados, como diz Bourdieu, por nós escolhidos e não impostos pelo poder dominante (Barbosa, 2010, p. 31).

Claro está, que a arte está em constante diálogo com o mundo, o que torna imprescindível a sua contextualização, visto que, é uma área do conhecimento considerada transdisciplinar, podendo ser relacionada com várias outras áreas de acordo com as experiências, com as diversas culturas e com a realidade do seu tempo.

Toda obra está carregada de contextualização e cabe aos educadores durante a leitura contextualizar ao mesmo tempo que prepara para o fazer, isto é, cada ponta do triângulo conceitual da Abordagem Triangular não precisam necessariamente acontecer em momentos distintos, desde que a contextualização não esteja limitada ao contexto histórico.

Na 8ª edição do livro “A imagem do ensaio da arte”, publicada em 2010, Ana Mae escreveu as abordagens equivocadas com releitura. O título de apresentação desta edição é “Proposta ou Abordagem Triangular: uma breve revisão, no qual a autora destaca que:

Os principais enganos de interpretação da Abordagem/Proposta Triangular não encontrei em teses nem dissertações, mas na prática de professores de Arte ou em mal-intencionadas formulações de caráter destrutivo. Trata-se da identificação da Abordagem/Proposta Triangular com a releitura e do uso da releitura como cópia. No texto deste livro (A imagem no ensino da arte), desde a primeira edição, não falo nem uma vez em RELEITURA. Essa palavra aparecia nas edições anteriores a estas, somente nas legendas das imagens produzidas pelas crianças. Professores que confundem Abordagem Triangular com releitura não leram o livro, apenas as legendas das imagens. Para demonstrar meu repúdio à ideia de que receito a releitura, substituí na presente edição (8ª) a palavra por interpretação (Barbosa 2010, p. 29).

Percebe-se ainda que, há por parte dos educadores alguns enganos de

interpretação da Abordagem/Proposta Triangular, sendo o principal a identificação desta com a releitura e do uso da releitura como cópia.

Sobre a prática educativa do professor de arte da educação básica, Oliveira e Corrêa (2018) afirmam que a Abordagem Triangular tem seu valor nas artes visuais, pois para o professor artista, que atuam como artista e professor ao mesmo tempo, pode possibilitar que tal professor faça uma análise crítica do seu próprio fazer.

Dessa forma, é importante a realização de um trabalho que transmita a expressão do professor artístico e que não seja limitado ao trabalho mecânico, que não expresse sensibilidade e emoção.

Dessa maneira, percebe-se que a Abordagem Triangular se interpretada e colocada em prática de forma correta pelos educadores, alcançará em grande parte seus objetivos, pois se trata de uma abordagem que procura contemplar tanto as necessidades do professor/artista como do aluno/artista, tornando estes cada vez mais críticos e dotados de conhecimento e habilidade de leitura e interpretação da obra e dos fatores culturais e sociais que a cercam.

Breve caracterização da escola e da turma na qual a proposta foi desenvolvida

A escola escolhida para o referido artigo era municipal, com fundação oficial datada em março de 1991, atendendo inicialmente apenas a Educação Infantil em prédio alugado. Posteriormente, passou a ter prédio próprio, atendendo o Ensino Fundamental, com uma estrutura física de dez salas de aula, uma cozinha, um almoxarifado, 4 banheiros, uma sala de coordenação Pedagógica, sala de Gestão, uma sala de vice gestão, uma sala de Professores e um pátio de recreação. A estrutura humana e física foi ampliada, sendo a distribuição dos alunos em vinte turmas, do 1º ao 9ºano, com uma demanda de 525 alunos nos turnos matutino e vespertino, onde eram desenvolvidas atividades didáticas e pedagógicas pela equipe escolar.

A escola dedicou seu tempo e disponibilidade para o gerenciamento e administração desta instituição formada também por professores alunos, com o objetivo de contribuir com a melhoria da qualidade de vida da sua comunidade.

Foi uma instituição que teve como objetivo preparar crianças e adolescentes

para o exercício da cidadania, através do lema “educar para transformar”, a partir do compromisso e da responsabilidade profissional descrito na missão: oferecer educação de qualidade para nossos alunos, desenvolver e valorizar a contribuição dos professores e colaboradores da comunidade e escola na promoção de atividades participativa e a visão ser modelo em educação pública municipal contribuindo em qualquer situação com melhor qualidade de vida para os alunos e comunidade escola através da promoção do conhecimento. Ressalta-se que a instituição fechou em setembro de 2021, que de acordo com a Secretaria de Educação, a mesma estava sem condições adequadas na estrutura física.

A proposta foi desenvolvida em novembro de 2019 para a turma do 2ª ano do Ensino Fundamental, na qual possuía 30 alunos, tendo como temática as cores primárias e secundárias. Os objetos de aprendizagem contemplados na BNCC foram contextos e práticas e processos de criação. Foram contempladas duas habilidades da BNCC:

(EF15AR02). Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.);
(EF15AR04). Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.

Etapas da atividade desenvolvida

Foi trabalhado em sala um vídeo (<https://youtu.be/JItpE--nk5E>) intitulado “Cores” de Aline Lima, Carol, Jack e Mariana, com duração de 3 min 38 segundos. Após exibição do vídeo, foram feitas as seguintes perguntas para os alunos:

- Gostaram do vídeo? Do que o vídeo falava?
- Qual a cor que vocês mais gostaram?
- Qual a parte do vídeo que mais gostaram?

Logo após, foi comentado o tema que seria apresentado em sala de aula. Escreveu-se no quadro, com a ajuda dos alunos, as cores que apareceram no vídeo. Perguntamos aos alunos, onde podemos encontrar essas mesmas cores no nosso dia a dia? Exemplo: azul (céu); laranja (cenoura); verde (folha); roxo (roupa) e amarelo (sol)

... à medida que os alunos foram falando onde encontramos as cores, listamos no quadro, ao lado de sua respectiva cor.

Ana Mae Barbosa (2009) propõe que:

O ensino de artes nas escolas não deve ser posto como uma disciplina complementar, mas como uma ferramenta de aprendizagem de todas as disciplinas. A partir desse conceito, as escolas podem recorrer à música ou à pintura para aprender, por exemplo, literatura.

Pedimos aos alunos que fizessem um desenho escolhendo uma das cores que foram colocadas no quadro. Entregamos papel e lápis de cor.

Retomamos com os alunos as cores citadas na história do vídeo e explicamos que existem cores primárias, secundárias, terciárias e neutras. Introduzimos a matéria de cores primárias e secundárias, explicando e dando exemplo sempre relacionando com o vídeo que assistiram.

Entregamos tinta guache azul, amarela e vermelha; um pincel e um copo de plástico com água. Logo após, entregamos uma folha para cada aluno, já com desenho de círculo xerocado. Solicitamos aos alunos que pintassem com as cores primárias nos seus respectivos lugares na atividade.

Assim, solicitamos que os alunos continuassem a atividade pintando as cores primárias e misturando-as. Perguntamos o que aconteceu e quais foram às cores que resultaram dessa mistura. Informamos então que esse processo resultou na formação das cores secundárias, lembrando aos alunos de escreverem o nome das cores formadas.

A Abordagem Triangular defende que a construção do conhecimento em arte ocorre quando há o cruzamento entre experimentação, codificação e informação.

O ensino da Arte deve ser elaborado a partir de três ações principais: fazer arte, contextualizar e ler obras de arte. A relação dessas três ações resulta em arte como cognição e expressão. A Abordagem Triangular sistematiza uma postura transdisciplinar para a construção do conhecimento da arte, articulando as três áreas.

A Abordagem Triangular permite uma interação dinâmica e multidimensional entre as partes e o todo e vice-versa, do contexto do ensino da arte, ou seja, entre as disciplinas básicas da área, entre as outras disciplinas, no inter-relacionamento das três ações básicas: ler, fazer e contextualizar e no inter-relacionamento das quatro ações decorrentes: decodificar, experimentar, refletir e informar (Barbosa, 2009, pág. 345).

Relatos de experiência

A princípio, se faz necessário destacar o que são “cores primária, secundárias e terciárias”. Primárias: são cores puras que não podem ser criadas a partir da combinação de outras cores (Azul, Amarelo e Vermelho). E a partir delas criam-se outras cores. Secundárias: são cores criadas a partir da mistura de duas cores primárias, (Laranja, Roxo e Verde), ou seja, não são cores puras. Terciárias: A união de cores primárias e secundárias que formam cores diversas como: (Vermelho e Roxo) Vermelho – Alaranjado, (Amarelo e Verde) amarelo – alaranjado, (Azul e Roxo) azul – esverdeado e assim sucessivamente, dando vida a teorias das cores conhecida como RYB (Red, yellow and blue) desenvolvida por Leonardo da Vinci.

O processo criativo dessas séries de cores é autobiográfico, em vista que, é algo recorrente em nossas vidas, pois desde criança somos impulsionados a interagirmos com as cores imaginando um universo particular dentro de nossas memórias. Segundo Derdyk (2004, p. 165) “a memória pertence ao passado. É um registro, sempre que evocamos ela se faz presente, mas permanece intocável como um sonho”. As cores servem como uma espécie de gatilho as nossas lembranças e imaginações, por isso, conhecer e manusear as várias manipulações de cores torna-se fundamental ao aprendizado na formação do cidadão pronto para a sociedade.

Dessa forma, baseados em componentes curriculares da linguagem, escolhemos artes visuais como fator principal de nossa prática pedagógica. De acordo com a BNCC (2018): “essas linguagens articulam saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas”. Portanto levar conhecimento ao aluno requer planejamento em uma esfera ampla, principalmente em se tratar de artes, porque possibilita uma troca de saberes e de cultura, que nos leva a refletir como futuros profissionais, várias ações feitas em sala de aula, para melhor conduzi-los ao compartilhamento das atividades em diálogo com os professores.

Como se tratava de artes visuais, nos inspiramos em Ana Mae Barbosa a qual cita uma abordagem pedagógica triangular, na qual qualquer pessoa que se debruce sobre a arte, deve passar por esses três momentos a contextualização histórica, apreciação e prática. Visto que a arte se configura do trabalho de ideias absorvidas do mundo que o cerca dos velhos e novos conceitos que vamos aprendendo e modificando de acordo com

o tempo.

Com isso, fica explícito que trabalhar arte no cotidiano escolar necessita por parte do professor absorver bem a abordagem triangular e fazer com que cada momento da aula se relacione entre si, pois no momento que o aluno lê as imagens, ele contextualiza e faz, ou seja, uma espécie de edição de imagem onde o aluno capta as imagens ao seu redor reorganiza e as expressa.

Ao longo do Ensino Fundamental, os alunos devem expandir seu repertório e ampliar sua autonomia nas práticas artísticas, por meio da reflexão sensível, imaginativa e crítica sobre os conteúdos artísticos e seus elementos constitutivos e também sobre as experiências de pesquisa, invenção e criação (Brasil, 2018 p. 195).

Como conseguinte, aguçar a criatividade dos alunos através das cores foi o nosso planejamento, visando construir neles a percepção de cores e suas várias mudanças como forma de atingir as competências previstas na BNCC (2018, p.196) “Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes”. Assim o aprendizado parte da ideia que o aluno precisa se conhecer para conhecer o outro e trabalhar em coletividade em busca do objetivo. Sem falar na alfabetização das artes visuais, em vista que, todos os dias somos bombardeados por imagens e propagandas publicitárias inteligentes e o estudo em arte, vai nos ajudar a analisar melhor esse mundo tecnológico e artístico que nos cerca. Criando também habilidades asseguradas pela BNCC (Brasil, 2018, p. 199).

Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.

A educação em artes, está intimamente ligada a uma produção humanizadora, intelectual e criativa, abrangendo ideias politicamente sustentáveis de formação humana. Mas, constatamos na realidade que a arte sofre preconceitos, em sua aplicação como disciplina, ela quase desaparece quando as crianças chegam ao ensino fundamental, mas é muito bem aceita no ensino maternal, ou seja, ela é dada com carinho aquelas pessoas que estão fora da produção econômica do país. Porém o que não se compreende é a importância da arte para a melhoria de qualidade de muitas profissões e um bem estar social como um todo.

A LDB em seu Art. 26 inciso 2º “O ensino da arte, especialmente em suas

expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. Desse modo a arte se faz como disciplina, abrindo um leque de maneiras de trabalharmos tais linguagens como: artes visuais, teatro, música e dança. Levando em consideração os conhecimentos culturais dos alunos e suas diversidades de experiências e práticas como modo de pensar crítico, visualizado o caráter social e político vigente.

As nossas experiências pedagógicas em sala de aula, sobre artes visuais com o título cores, foram elaboradas e executadas sobre a perspectiva da abordagem triangular. Segundo Ana Mae Barbosa a manutenção da disciplina de artes no currículo escolar, assegura o desenvolvimento crítico visual da criança.

Um currículo que interligasse o fazer artístico, a história da arte e a análise da obra de arte estaria se organizando de maneira que a criança, suas necessidades, seus interesses e seu desenvolvimento estariam sendo respeitados, e ao mesmo tempo, estaria sendo respeitada a matéria a ser aprendida, seus valores, sua estrutura e sua contribuição específica para a cultura (Barbosa, 1991, p. 35).

A metodologia estabelecida pelo grupo na aplicação da aula, foi elaborada da seguinte maneira, no primeiro momento apresentamos um vídeo falando sobre as cores e suas fusões, e foram feitas várias perguntas acerca do vídeo instigando-os a participar da aula. E como forma de nos assegurarmos da fixação do conteúdo, projetamos *slides* contendo as cores primárias, secundárias e terciárias representadas na forma de apreciação visual para melhor compreensão, em seguida fornecemos papéis afim de que todos produzissem um desenho e colorissem de sua preferência para que praticassem as cores expostas. Logo depois pedimos para que eles mostrassem seus desenhos e explicassem porquê da escolha dos objetos e das cores e dentro dessa atividade constatamos que muitos desenharam casas, carros e corações, apesar de uma grande maioria não possuir casa ou carro próprio, eles guardavam em seu íntimo os seus sonhos mais peculiares e os projetaram na realidade através de um desenho e justificavam da seguinte forma, eu adoro casa, eu adoro carro, não nos atentamos muito ao coração, pois ficou muito explícito o porquê.

Alves (2011, p. 98) afirmam que “Santo Agostinho já dizia que a fruição, do latim “frui”, significa desfrutar, amar uma coisa por causa dela mesma (dielidere propter se)”. Ao desfrutar da imagem de carros e casas no seu cotidiano a criança guarda em seu íntimo a esperança da posse e de dias melhores.

A segunda etapa da aula utilizamos uma obra de Pablo Picasso intitulada de

“menina com pomba” tornando se mais explicito o método triangular como nossa ancora pedagógica. Que segundo Barbosa (2007, p. 23):

O que a arte na escola principalmente pretende formar o conhecedor, fruidor, decodificador da obra de arte. Uma sociedade só é artisticamente desenvolvida quando ao lado de uma produção artística de alta qualidade há também uma alta capacidade de entendimento desta produção pelo público.

A apreciação começa a partir do momento em que o grupo estimula as crianças a observar o quadro usando seus aspectos sensoriais como: visão e tato. A contextualização permite explicar qual é o autor, quanto vale a obra e as inspirações necessárias para produção dela, claro que levando em consideração seu contexto histórico. Logo após, explicamos que os mesmos sentimentos que levaram eles a criar seus desenhos, também levaram Pablo Picasso a produzir sua arte a diferença está na técnica, mas que os desenhos produzidos por eles não deixam de ser uma obra de arte, pois ali estavam explícitos todas as suas especificidades e inquietações.

O desenho vai da ação à representação na medida em que evolui da sua forma de exercício sensório-motor para a sua forma de jogo simbólico. O desenho entra na categoria de jogo simbólico ou imaginário quando permite à criança exprimir um pensamento individual (Derdyk, 1974, p. 71).

O conceito de desenho, de forma ampla, é a exploração de vários mecanismos sensoriais para que a criança expresse seu cotidiano de forma lúdica. Focando no trabalho pedagógico e a relação que cada criança estabelece com o quadro e os desenhos, foi proposto como tarefa final que cada criança executasse uma atividade de pintura usando as manipulações de cores proposta no primeiro momento. Por conseguinte, distribuímos folhas de papéis impressas com círculo e copos plástico contendo tintas com cores primária para que em duplas, eles fizessem a manipulação e fusão das cores secundárias. Nos concentramos em setores estratégicos da turma para auxiliar os alunos no processo de construção artística, a euforia foi grande, mais o desenvolvimento e conclusão das atividades excelentes.

Por fim, o nosso relato de experiências procurou mostrar como a disciplina de artes pode ser formadora de pensamentos, basta que o trabalho do professor com alunos do Ensino Fundamental, seja planejado e respaldado pelo Ministério da Educação, secretarias de educação, conselhos de educação, e assim cumprir sua tarefa de formar indivíduos esclarecidos, autônomos, sensíveis e criativos. Essa tarefa inclui a educação

de sujeitos capazes de refletir sobre obras de arte, bem como fruí-las e, quem sabe, produzi-las.

Considerações finais

Ante ao exposto, podemos constatar que a disciplina de Artes pode ser trabalhada de diversas formas, ou seja, o professor pode usar de toda sua criatividade para despertar nos alunos o interesse, o senso crítico e reflexivo, pois durante os Anos Iniciais as crianças estão se sentem muito atraídas pelo “novo” e o professor pode usar tal metodologia para tornar suas aulas mais atrativas.

Observamos ainda que, a teoria contribui muito com a prática da docência da disciplina, quando o professor consegue fazer a relação à teoria com a necessidade dos seus alunos e ainda com o meio no qual a escola está inserida. Dessa forma, esse educador formará cidadãos capazes de reconhecer, analisar, criticar e refletir sobre uma obra de artes, ou seja, um sujeito dotado de características que o torna socialmente educado e sensível.

Outro ponto a ser destacado é a necessidade da Abordagem Triangular está ativamente fazendo parte dos planos de aula, visto que, é o de mais inovador que encontramos no ensino de Artes e abre o leque de possibilidades metodológicas, uma vez que, não apresenta um método adequado e mesmo assim as vezes o professor não coloca em prática no seu planejamento.

Espera-se que esse artigo possa contribuir com a ampliação do conhecimento dos leitores, bem como motivar a reflexão sobre a importância do ensino de Arte nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Referências bibliográficas

ALVES, Rubens. *Variações sobre o prazer: Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. *A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos*. 7. ed. rev. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. *A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BENELLI, Anderson. Reflexões sobre a Abordagem Triangular. Disponível em: <http://andersonbenelli.blogspot.com/2011/02/reflexoes-sobre-abordagem-triangular.html>. Acesso em: 02 out. 2019.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 maio 2024.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil*. 3 ed. SP: Scipione, 2004

FUSARI, Maria Felisminda de Resende e. *Arte na educação escolar*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTINS, Mirian Celeste. *Teoria e prática do ensino de arte: a língua do mundo*. Volume único. 1. ed. São Paulo: FTD, 2009.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Práx. Educ.*, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, out. 2021. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792021000500060&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 08 janeiro. 2024.

NOVAES, Adauto (Org.). *Muito além do espetáculo*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005. p. 1-81.

OLIVEIRA, Eliane dos Santos de; CORRÊA, Vanisse Simone Alves. Ensino de Artes: a abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa. *Contemporartes: revista semanal de difusão cultural*, São Paulo, dez. 2018.

SILVA, Marinete dos Santos. *A educação brasileira no Estado Novo*. São Paulo: Editorial Livramento, 1980.